O OVARENSE

NUMERO 778 — *Proprietario e Editor*=Placido Augusto Veiga — ANNO XV

Redacção, Administração e Typographia—L. de S.Pedro 26

OVAR, 9 de Outubro de 1898

O agio

Nunca nos preoccupou o agio do ouro, a não ser como máo symptoma d'administração do Estado. Se elle representava o descredito e não a especulação dos negociantes de dinheiro, quanto mais subia, tanto peor era o esbanjamento dos governos.

Mas para a economia interna do paiz, o agio do ouro fazia com que cada um se limitasse a gastar os objectos da industria nacional. A mania do estrangeirismo levou um profundo golpe, sobre tudo pelo que respeita ás manufacturas; e foi assim que durante o aggravamento do agio as industrias e a agricultura tomaram o maior desenvolvimento.

Tambem o trabalho augmentou e não pouco, pois o maior desenvolvimento das industrias, mesmo com as machinas, traduz-se no augmento do pessoal trabalhador.

Se no fim d'esta crise o paiz désse um balanço ao seu numerario e à sua riqueza immobiliaria havia de encontrar um augmento, como nunca se viu no tempo em que nadavamos em ouro. A circunspecção nos negocios, o estudo da agricultura levaram a um progresso real e á capitulação prudente e reflectida. Com a desgraça alguma coisa se aproveita—dizem os francezes e é verdade.

*

Porém, se o agio aproveitava à economia interna do paiz, aggravava muito e muito as circunstancias do thesouro publico.

O pagamento em ouro d'uma parte dos juros da divida externa, não só elevava os juros demasiadamente, mas collocava o governo em serias difficuldades para obter o ouro necessario aos pagamentos. Além disso, a necessidade de comprar ouro em duas epochas certas do anno, animava a agiotagem desenfreada.

Suppunham os agiotas que o governo precisaria agora de dinheiro para pagamento do proximo *coupon*. Ainda durante os meiados de setembro se conservou alto o agio. Mas depois que o actual ministro da fazenda declarou que não carecia de contrahir emprestimos para administrar: depois sobretudo da declaração do governo, publicada nos jornaes officiosos, que affirmava já ter o ouro necessario para o pagamento em ouro do *conpon*, a baixa accentuou-se d'um modo pasmoso, castigando os especuladores.

Este facto revela que o governo tem administrado bem, porque pode bem luctar contra o jogo dos negociadores do ouro. O agio baixa d'um modo espantoso e a crise financeira entra em caminho de resolver. Quanto mais baixar o agio tanto melhores esperanças póde o paiz conceber de que vae terminar o estado anormal dos mercados sujeitos ás oscillações do cambio.

E tão firme está o governo de que encontrou a solução da crise financeira que, acconselhando-lhe a praça de Lisboa, a augmentar a circulação do papel moeda, por falta de numerario no mercado para as transacções commerciaes, o governo negou-se a fazel-o, promptificando-se a apresentar 10 mil contos em prata.

Ora o augmento do papel moeda, ou notas do Banco de Portugal, dava ao governo dinheiro sem encargos alguns, facilitando-lhe a acção. Porém o governo não acceitou e bem, com o fundamento de que o augmento da circulação das notas, depreciaria o valor do dinheiro papel, augmentaria o agio do ouro e difficultaria o accordo, que o governo tem entre mãos com os credores estrangeiros, que se promptificam agora a receber os seus juros em moeda igual aos credores internos, isto é, em papel.

Se o governo tal conseguir, encontrou a solução da crise, pois não carecerá mais de vir às praças procurar o ouro, aggravando as condicções d'estas.

E, como, sobretudo depois do desenvolvimento colonial, a exportação commercial quasi eguala, se por vezes não excede a importação, breve poderemos ver-nos livres do regimen do papel, entrando o paiz em circunstancias normaes.

Não nos devemos contudo esquecer que foi devido ao agio que a exportação augmentou e que a importação baixou muitissimo. Foi pela carestia dos artigos estrangeiros que os portuguezes tiveram sahida.

Providencias sanitarias

Parece-nos ser da maior urgencia, tomar-se qualquer medida sanitaria na presente epocha.

No anno passado, por esta quadra, deram-se bastantes obitos.

Este anno appareceram os symptomas de doenças graves.

Consta-nos que no Furadouro se acham algumas pessoas attacadas de febres typhoides.

Na villa tem já apparecido um outro caso.

Embora os homens competentes digam, que estas doenças não são epidemicas, o facto é que, no anno passado, se alastraram d'um modo espantoso.

Ora é de toda a conveniencia que se tomem providencias, quando mais não seja, evitando-se que os carros de escasso atravessem as ruas da villa, durante as horas das posturas camararias.

Em tempo dissemos que era necessario mandar analysar as aguas, pois o uso d'aguas infeccionadas, é, segundo os peritos, origem de muitos casos d'aquellas febres.

Ainda estamos em tempo de fazer isso.

Regressaram no domingo passado os dignos magistrados judiciaes que, com suas ex.mas esposas, tinham ido passar o mez das férias fóra d'esta comarca.

No concelho

Já demonstramos:

—1.º que a contribuição indirecta actualmente empregada para obter receita municipal era absurda por ser desegual e apenas onerar os pobres, emquanto ricos e abonados fogem a ella;

—2.º que o municipio carece de obter uma receita ordinaria, constante, para fazer face às suas despezas, sem onerar os munícipes, nem com velhas, nem com novas contribuições;

— 3.º que o meio de se obter este fim era o aforamento de todos os terrenos, que pertencem ao municipio, terrenos que actualmente nada produzem, a não ser despeza, despeza importante, quer seja com empregados, quer seja com novas sementeiras.

Resta demonstrarmos que o producto dos aforamentos, com a prestação do trabalho, que è obrigatoria, chega para as despezas municipaes.

Não queremos com isto dizer que o producto dos aforamentos chega para despezas extraordinarias, como pagamento de obras novas. Isso não.

Mas a unica obra nova de que o municipio actualmente carece é da cadeia. Para esta o ainda para outras não pequenas chega a estrumada velha.

Ainda alguns annos levará a desterrar essa velha matta. E o seu producto, convenientemente applicado, póde cobrir as despezas de muitas obras de vulto, que se julguem indispensaveis para o melhoramento do concelho.

—

Desde que se proceda aos aforamentos: desde que a administração do hospital municipal passe para misericordia particular, como deve passar em bem pouco tempo: desde que á administração da viação municipal se applique um dos processos recentemente recommendados pelo governo, simplifica-se em muito a administração do municipio.

Assim póde a camara dispensar: 1.º todos os guardas da matta=2.º todos os cantoneiros e um fiscal=3.º um amanuense e um official de deligencia,=dois medicos do hospital.

Porque os terrenos passaram, pelo aforamento para fóra do dominio da camara, nenhuma necessidade ha de guardas. Porque todas as estradas devem ser reparadas por meio d'arrematação e não precisa a camara de cantoneiros nem do respectivo fiscal. Para fiscalisar apenas o cumprimento das posturas, bastam zeladores em cada zona, sem ordemnado, como os que actualmente existem: porque o hospital passa ao dominio de uma misericordia particular, basta que a camara lhe forneça um medico, tanto mais que a maoiria dos pobres e é esta pertencente à classe piscatoria, tem os medicos das companhas, que os tratam gratuitamente. Porque o serviço da escripturação e intimação diminue espantosamente, pela simplificação dos serviços, pode a camara, fazer todo o seu serviço de secretaria com um secretario, amanuense e official de deligencia.

Consegue-se por esta fórma uma grande reducção nas despezas camararias, reducção que irá augmentando, porque, dispensados os empregados, cujos serviços foram extinctos e addidos aquelles, cujos serviços ficam de pé, á proporção que forem vagando os logares e preenchidos com os addidos, o quadro fica limitado apenas aos empregados classificados.

—

Obtida a reducção de despezas quanto ao pessoal e restringindo outras despezas ordinarias, ficando para as novas obras os recursos extraordinarios da venda da lenha, basta os rendimentos dos aforamentos para equilibrar o orçamento.

Deixamos para em outros artigos calcular o rendimento do aforamento dos bens municipaes.

Bilhar

O nosso amigo sr. Manuel Nunes Lopes, acreditado negociante d'esta villa, acaba de abrir ao publico um cafe e bilhar, nos baixos do seu predio da Praça.

FOLHETIM

MIRAGENS

Ovar, 5—10—98.

Que lindas noites de luar as que vão correndo! Pelo espaço a lua, qual ligeiro batel de prata, vae boiando serenamente com o seu lusido cortejo de estrellas scintillantes.

Apenas soam, n'uma cadencia lugubre, oito horas no velho campanario da egreja, que se destaca cheio da uncção mais religiosa no azul desmaiado do ceu, a villa inteira reveste-se da monotona paz d'uma pacata aldeia.

Então á janella do meu quarto, admiro o silencio da Natureza, apenas quebrado pelos gritos estridulos dos *serandeiros*, que passam para as escamisadas; pelo murmurio dos arroios, que serpeiam pelos campos já despidos dos milharaes; pelo ladrar dos cães á lua, que se não desmancha comtudo na sua imperturbabilidade; e pelos sons que fluctuam nas cordas dos bandolins e dos violões e vão vibrando n'uma dôce harmonia pelo ar.

Quanto estas noites se prestam á meditação!

Embrenhado em deliciosos pensamentos, estas noites evocam-me com saudade as que ultimamente passei na minha digressão pelo Minho.

O Minho...

Vislumbro-o, muito ao longe, com casinholos branco de neve, emergindo d'um oceano de verdura; regatos d'aguas crystallinas, faiscando como listões de prata; searas inundadas de luz, ondulando brandamente ao perpassar das virações; prados côr d'esmeralda, por onde os bois retoiçam e cabriolam, e as aves entoam hymnos d'alegria; massas negras, profundas, de pinhaes, escurecendo, a espaços, a clara paisagem minhota; e ermidas claras, elevando-se para o ceu d'um azul de saphyra com uma religiosidade que consola o bom camponez entretido na rude labuta dos campos.

Darque e Vianna—a linda, a donairosa—amorosamente beijada pelo Lima, que quasi se queda em adoravel contemplação, desenham-se na minha retina, exhuberantes d'imprevisto e de verdura.

Lá vejo passar, ás ranchadas, as aldeãs, irrequietas como insectos n'agua e graciosas e alegres como bandos de andorinhas.

Que lindas que ellas são!

Saias arregaçadas por um cinto alvadio, deixando ver à altura da fimbria as pernas esculpturaes d'uma Venus antiga, colletes a estalarem com a tumidez dos seios altos, braços levemente trigueiros mas seductoramente torneados, collos feitos d'espuma do mar levemente colorida pelo sol ao despontar, rostos ovaes ligeiramente crestados, cabellos d'ebano em fartas tranças, labios rubros como cerejas bicaes e uns olhos tão meigos e faiscantes...

Se eu pudéra receber de todas a esmola d'um olhar d'aquelles olhos tão cheios de doçura e de bondade!...

No horisonte alteiam-se as montanhas negras como muralhas de velha fortaleza... ah! mas estas não são tão difficeis de escalar como as pequeninas cidadellas que as camponezas defendem no seu peito delicadamente terno e adoravelmente lindo.

Eu sei que ha mulheres lindas n'esse Oriente quasi visionario d'onde todos os dias vem o sol a mostrar as portadas purpureas e douradas do seu palacio sideral... Julgo ouvil-as, casando a sua voz voluptuosa com o som da lyra sentimental, e ver o seu olhar escuro como a noite sem luar, inebriante como um sonho de haschich...

Mas quantos, quantos perfis tão correctos de mulher grega abundam por esse Minho fóra?!

O Minho...

Como ha de ser delicioso espraiar a vista por esses campos batidos pelo largo sol na quadra em que o ar se impregna dos effluvios penetrantes da madresilva, as arvores se vestem com a sua folhagem envernisada e as taças rubras das insoffridas papoilas mosqueiam de vermelho as enormes toalhas de brancas margaridas.

Como ha de ser bom então abandonarmo-nos n'esse recanto paradisiaco aos devaneios da nossa imaginação ainda não envelhecida pelas decepções da realidade, muito longe do bulicio dos grandes centros onde as exterioridades nos fascinam como o traiçoeiro brilho do ouropel.

Oh! um retalho pittoresco e lavado do bom Minho, remansoso como a agua d'um lago, seduz-me tanto com as suas noites plenas de luar, os seus dias brilhantes de sol, os seus campos sempre verdes e as suas casinhas brancas perdidas pela verdura, que ha de ser o recinto em que virei a acabar os dias da minha vida.

Varino.

O Ovarense

Critica e criticos

Cada dia vamos frisando a completa ignorancia do *critico*, que na *Discussão* escreve sobre assumptos camararios. Quer dizer, mas não lhe chegam os conhecimentos para tanto. Não admira, porque o não chamou Deus para aquillo.

Agora dedica o seu estudo a garantias de segurança dos operarios nas obras em construcção e quer que a camara, ao conceder a licença para as obras novas, estabeleça as clausulas e restricções indispensaveis não só para a efficaz segurança do pessoal empregado na obra, mormente dos operarios menores, como tambem do publico, tendo principalmente em vista a urgentissima necessidade de ficar livre o transito em toda e qualquer rua e mormente n'aquellas em que elle se exerce em alta escala e não pode effectuar-se, por qualquer outra via, á falta de communicação directa entre o ponto de partida e o de chegada.

Tudo isto determinado e prescripto a proposito da concessão d'uma licença, accompanhando-a ainda do competente termo de responsabilidade e do respectivo sello—escusava a camara de pensar em mais outro assumpto. As concessões de licenças tomavam-lhe o tempo todo.

Ora, se o *critico* queria dar um conselho n'esses termos á camara, bastava dizer-lhe que requeresse para o concelho a applicação do regulamento da concessão de licenças e garantia dos operarios. Isto bastava, porque concedida a licença ficava desde logo o dono da obra e não o empreiteiro, sujeito a todas as medidas e responsabilidades consignadas n'esse regulamento.

A razão porque o *critico* vê fazer applicação das taes medidas em Lisboa, Porto e Villa Nova de Gaya é porque o regulamento foi estabelecido para todos os concelhos de 1.ª classe e tornar-se-ha extensivo aos de 2.ª e 3.ª quando estes o requeiram. Mas como nenhum d'estes ultimos cahiu na tolice de os requerer, d'ahi resultou, que se applica apenas a Lisboa, Perto, Gaya e aos de 1.ª classe.

E dizemos que não cahiu na tolice, porque o cumprimento de tal decreto não só acarreta despezas espantosas aos donos das obras com as vistorias, formalidades e exigencias varias dos variados conductores d'obras publicas, mas ainda inhibe o trabalho aos menores de 16 annos.

Admitte-se o começo do trabalho aos 16 annos para os menores das cidades, cuja construcção viciada pelo ambiente, pela falta de alimentação e de exercicio não supportará o trabalho; mas já não succede o mesmo nas aldeias em que a robustez é maior.

Se as novas construcções cada dia vão ficando mais baratas, a ponto de espantar o custo d'ellas, é porque se emprega uma chusma de rapasitos no trabalho. Infelizmente esses rapasitos não pertencem á nossa villa. Temol-os conhecido conduzindo cal para as obras e passados poucos annos apparecem bons operarios, muito pouco tempo depois de terem completado os 16 annos do regulamento. E esses operarios com a educação do trabalho, em vez da educação da mariolice, são applicados, trabalhadores, aptos para desempenhar serviços pesados.

Por isso o tal regulamento póde servir para as cidades em que os operarios pedem alto salario e apenas 8 horas de trabalho. Para nós não serve.

E ha de dizer-se que por falta das seguranças succedem desgraças. Não é tanto assim. Lemos todos os dias nos jornaes desastres por quedas d'obras em Lisboa e Porto. Isto apesar das garantias.

Aqui, na nossa terra, apesar da falta das prescripções regulamentares apenas teem succedido, no espaço de 4 para 5 annos, dois desastres:—foi o 1.º na occasião da demolição dos paços do concelho, mas ahi não houve a menor falta; e agora a queda d'um operario da casa do sr. Valente.

Ora, francamente, quando se dão tão poucas desgraças dentro de um largo espaço de tempo ha motivo para queixas por falta de segurança? Não. Até admiramos de que tenha havido tão poucas.

Chamem espectaculosas vistorias, assignem termos de responsabilidades, exijam formalidades sem conta, quando qualquer proprietario queira construir uma casa e verão se impedem os desastres, a não ser o desastre da licença, que entra a valer pelo bolso do proprieatario. Nós temos seguido sempre uma regra inalteravel—basta de dar mais de comer a empregados publicos.

Por isso nos oppozemos sempre a que se pedisse para o nosso concelho a applicação do regulamento de concessão de licenças e de segurança de operarios; porque entendemos que as taes seguranças e garantias não passavam de papel e só creavam emolumentos. Por isso tambem a camara nunca exigiu para as novas construcções plantas, como faziam nas repartições d'obras publicas, com as quaes acabou o actual ministro.

Entre nós

Encontra-se ha dias n'esta villa, de visita a sua familia e amigos, que os conta aqui em grande numero, o nosso amigo e assignante, sr. dr. José dos Santos Ala, digno prior d'Ajuda, Lisboa.

Vae ser nomeado ouvidor da Junta do Credito Publico o ex.mo sr. dr. Fernando Mattozo Corte Real, logar vago pela morte de seu saudoso irmão o dr. Francisco Mattozo.

Furadouro

Está na praia do Furadouro, a uso de banhos, o nosso amigo e assignante, sr. José d'Oliveira Picado, de Guilhovae.

Fallecimento

Falleceu hontem n'esta villa a sr.ª Margarida do Espirito Santo, esposa do sr. José de Sousa Campos, e tia dos nossos amigos srs. dr. José dos Santos Ala, João Fragateiro e José Maria Dias de Rezende.

Os nossos sentidos pezames.

Em Arouca

As festas que se realisaram em Arouca nos dias 2, 3 e 4 do corrente, em honra dos srs. Dias Costa e conde de Castello de Paiva, estiveram brilhantissimas.

Pesca

Em algumas dias da semana finda houve trabalho de pesca na nossa costa do Furadouro, tirando, a companha de S. Pedro, de que é senhorio o nosso amigo sr. João Polonia, na quinta feira, um lanço já de noite que produziu mais de reis 400$000.

Tempo

Os primeiros dias da semana foram d'um calor verdadeiramente excessivo, refrescando o tempo um pouco desde quinta feira, que começou de chover novamente.

No domingo passado, ao cair da noite, e quando estava prestes a findar o arraial de S. Miguel, que se realisou no largo do mesmo nome, sendo lançados ao ar muitos foguetes se desprendeu, por acaso, d'um d'elles, sem estourar, uma bomba de dynamite, indo esta caïr n'um pinhal proximo. Sendo logo apanhada por um pequeno de 11 annos, filho do sr. Francisco Lyrio, teve a infelicidade de lhe arrebentar, acto continuo, na mão direita, ficando com alguns dedos em pessimo estado.

Toilettes elegantes

São do mais apurado gosto e belleza os modelos de «toilettes» que se veem reproduzidos no ultimo numero da «Moda Elegante», excellente jornal de modas, elegancia e bom tom, feito em Paris pela acreditada casa editora dos srs. Guillard Aillaud & C.ª e dirigido por Madame Blanche de Mirebourg.

Além dos lindissimos modelos a que nos referimos e cuja belleza deixamos ás leitoras o cuidado de avaliar pelos seus proprios olhos, publica o mesmo jornal diversos modelos de bordados e artigos interessantissimos devidos á penna da sua insigne directora, «João do Palco» sobre os theatros; «Ludovic Halevy»; «A de Souza»; «Guy de Presles», etc. bem como um molde cortado em tamanho natural.

Recommendamos a acquisição da «Moda Elegante» ás nossas gentis leitoras, certos que hão de agradecer-nos tão desinteressado conselho.

As Duas Rivaes

Da importante e acreditada casa editora dos srs. Belem & C.ª, de Lisboa, recebemos as cadernetas n.os 33 e 34 do excellente romance «As Duas Rivaes», do primoroso romancista francez Xavier de Montépin.

Dito do fim

Com a devida venia transcrevemos da «Discussão» o seu engraçado *dito do fim*. E' cheio de espirito mas falta-lhe alguma coisa para ser verdadeiro. Vae agora ampliado.

«Calino um dia viu-se senhor d'uma grande vinha de que cuidava com todo o esmero.

«Encontra-se Calino com um amigo que lhe pergunta:—você vindimou muito cedo; teve medo que lhe roubassem as uvas? Ainda estavam tão verdes...!

— Não, responde muito emphaticamente Calino, colhias assim porque antes quero fazer vinho verde do que maduro; aquelle hoje é muito mais procurado e bem vendido do que este» —pois para m'o pagar bem basta um bebado que por ahi anda; tanto assim que na tasca da Painça apanha cada taxada de vinho verde que tem de ir a pau e corda para casa.

— O interlocutor trincou a lingua de despeitado, porque tinha recebido resposta á letra.

Afinal informando-nos bem do caso, soubemos que o tal *Calino* não tinha ainda acertado bem. O interlocutor não se apanha apenas com vinho verde na Painça. No inverno é com o branco, no Jeronymo; na primavera, com verde na Painça; de noite com tinto no Mario; e em setembro com fino no Cerveira, haja vista á tarde dos saccos.

Ainda quando a borracheira dá para ir para a cama, vá; mas quando dá para embicar com os transeuntes, o caso é peor.

Contudo, os que teem juizo devem... deixar os bebados á vontade.

Aveiro, 5—10—98.

Relativo ás chronicas do Furadouro na «Discussão» era tenção minha nada dizer, porém, visto o sr. Jeunesse referir-se a ellas, dizendo o que sentia, com algumas verdades, com a devida venia, vou tambem *seringar* um pouco, referindo-me ainda aos mesmos numeros da «Discussão», sobre um ponto que, certamente, por lapso, escapou ao sr. Jeunesse.

Diz o sr. chronista que uma das *diseuses*, cuja *belleza* não quero por fórma alguma contestar, tinha uma formosissima trança côr d'ebano!! Canastradas de razão tinha o Jeunesse, dizendo que andava na *lua*. Não será *ironia* chamar a umas barbas à *guise brancas* sendo ellas *louras*? Que dirá a *formosissima rival de Verdi* a quem disser que os seus bellos cabellos são pretos, sendo elles d'um castanho escuro? Provavelmente taxal-o-hia de *pãosinho*.

Para mim, é ponto de fé, que, quando escreveu as taes chronicas, é impossivel que as não tivesse visto só de noute, porque do contrario, *justiça seja feita*, não se abalançaria a descrever tanta *belleza*, tanta *meiguice*, um *aranzel* medonho de *picuinhas*, que, creia sr. chronista, se na occasião em que li aquellas *cousinhas bonitas*, tivesse tomado qualquer refeição, positivamente, me sahiriam pelos *alabastrinos labios*, *ondas sonoras todas cheias de* (qualquer cousa) capazes de innundarem o tal casino e todo o seu *contheudo*. Seria tal o restolho, produzido pelas *revoluções intestinaes* que nem a *Deusa de Sião* lhes valeria n'essa triste hecatombe.

A ultima chronica, essa então, vem *apilarada*.

O sr. chronista, depois d'um *alticismo pouco vulgar* e que para as suas *gentis leitoras* é *grego*, termina muito desgostoso, pela horrivel doença, (um leve defluxo) prostrar no leito do soffrimento uma das mais *gracieuses et aristocratiques dames*. Sobre *aristocracia* temos conversado, mas como, *la parole est livre*, cada um diz aristocraticamente o que lhe parece.

*

Termino esta carta, dizendo ao auctor do *agradecimento* inserto na 4.ª columna a folhas 3 da «Discussão», que está muito bonito, apenas com um erro ortographico, indesculpavel a quem aspira *brevemente* sentar-se na *camara dos deputados* a dizer (apoiado). Agora é *voga* o dizer-se *deslabado* em logar de *deslavado*?

Os typographos sempre commettem cada erro!!!

Tonni Caturrà.

ARADA, 8 de Outubro de 1898.

O sr. Z. X., cá d'esta Parvonia, achou-me d'esta vez muito comprido e parece que tremeu de medo (!)

Não se assuste, homemsinho!... Eu sou um pobre velho de mente alquebrada a quem o mais leve sopro deitaria por terra, e que, apezar de tudo, o continuo a amar e respeitar. E demais a mais, sr. Z. X., não vê, mas isto aqui para nós, que acaba de me passar o mais honroso diploma de capacidade que eu podia alcançar agora n'este meu ultimo quartel da vida? Como quer que eu pague com a negra ingratidão um favor tão penhorante como inesperado? Socegue, pois, o seu espirito, e não se deixe mais arrastar d'esse medo que o assaltou, a ponto de negar ser quem é, e declarar nada ter com S. Francisco de Salles (será porque este santo tambem se fizesse agora politico *limonada?*!). Olhe, para sua maior tranquilidade, certifico-lhe que, para lhe responder, jàmais fui, vou ou irei pedir auxilios a pessoa alguma de Espargo. O sr. suppoz-me a mendigar ideias e phraseados por casa de quem nada tem ou se importa com estes assumptos, e declara-o na sua delicadissima cartinha. Pois fez bem, creia-o. Provou-me d'essa fórma que eu não devo duvidar tanto dos meus conhecimentos *pedagogicos* como o sr. Z. X. parece duvidar.

O sr. diz querer para si as *honras* do que escreve; e eu, que tambem não deixo de ser um pouco cioso, só lhe digo que se alguem se julgar com direito às que usufruo que appareça a reivindical-as.

Mas deixemos isto, que não presta, e vamos a uma perguntasinha:

O sr. não é effectivamente o sr. Z. X. que eu tão bem conheço como o sr. a mim?!... *Chrismou-se* novamente ha pouco?!

Olhe, eu não me torno a *chrismar*. Já agora acho que me não vale a pena mudar de nome, nem de pessoa como o sr. deseja fazer. Fico aparando a penna para elaborar a resposta e relatorio que me pede, e eu desejo apresentar-lhe no proximo numero; mas certifico-lhe que eu hei-de continuar sempre a ser eu e não outro.

Até á semana, querendo Deus.

X. Z.